



**Mestrado em Ensino na Especialidade de Educação Pré-  
Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico**

# **A importância atribuída ao Desenho Infantil pelos Adultos**

**Vânia Sofia Rosa Correia**

**BEJA**

**JUNHO DE 2012**

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA

Escola Superior de Educação

**Mestrado em Ensino na Especialidade de Educação Pré-  
Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico**

A importância atribuída ao Desenho Infantil pelos Adultos

**Orientador:** Professora Especialista Adelaide do Espírito Santo

Beja

Junho de 2012

## **Agradecimentos**

Apos ter sido finalizada mais uma etapa importante da minha vida, é com grande contentamento que expresso aqui o mais grato agradecimento a todos aqueles que me ajudaram e apoiaram neste longo percurso e que tornaram possível a concretização deste trabalho.

Em primeiro lugar queria referenciar a minha orientadora, Professora Adelaide Espírito Santo, pelo seu empenho e dedicação para comigo e por ter partilhado todo o seu saber e toda a sua disponibilidade, aconselhamento e exigência.

Queria agradecer de seguida ao docente Doutor José Espírito Santo, diretor/coordenador deste mestrado pelo seu empenho, dedicação e disponibilidade ao longo deste percurso.

Gostaria ainda também de agradecer a todos os docentes deste Mestrado pelo seu empenho, força, coragem e tempo que disponibilizaram. Pelas suas transmissões de conhecimento, oportunidades de melhoramento e por acreditarem que era possível.

A todas as educadoras entrevistadas, por compartilharem comigo as suas experiencias/vivencias de trabalho, bem como aos encarregados de educação que se disponibilizaram em participar neste estudo.

Por último e não menos importante a toda a minha família que sempre me apoio, sobretudo a minha mãe que nunca deixou de acreditar e que fez tudo para que isto fosse possível.

A todos os intervenientes que direta ou indiretamente contribuíram para este trabalho o meu muito obrigada!

## Resumo

Através do desenho, as crianças dizem muito sobre si mesmas.

Na maioria das vezes, o desenho é quase sempre a primeira obra das crianças, traduz a sua primeira riqueza expressiva. De acordo Ana Salvador (1999) o desenho pode, em distintas situações, tornar-se na indicação, no “espelho” do estado de espírito da criança, porque traduz o que sente, pensa, deseja, o que a deixa inquieta, alegre ou triste.

Este estudo pretende refletir e dar respostas ao modo como a interpretação do desenho infantil está presente nas vivências das crianças em diferentes contextos (J.I./Casa...). Assim como a importância que nos dias de hoje lhe é atribuída pelos profissionais e pelos encarregados de educação.

Através de observação direta numa sala de Jardim de Infância, entrevistas a profissionais da área deste estudo e a questionários aos encarregados de educação da mesma sala da observação pretende-se responder às questões chave deste estudo.

Palavras-chave: Desenho, crianças e adultos

## Resume

Through drawing, children say a lot about themselves. In most cases, the desing is almost always the first work of children, representing its first significant wealth. According Ana Salvador (1999) the design can, in different situations, becoming the indication, the “mirror” the mood of the child, because it translates what he feels, thinks, wills, leaving her anxious, happy or sad.

This proposed study aims to reflect and respond to how the interpretation of this child’s drawing on the experiences of children in different contexts (Kindergarten/house...). As the importance that these days it is given by professionals and by parents.

Through direct observation in a kindergarten room, interviews with professionals in this study and questionnaires to carers living in the same observation is intended to answer the key questions of this study.

Keywords: Design, children and adults

---

## Abreviaturas

MEM- Movimento da Escola Moderna

EE- Encarregados de Educação

J.I.- Jardim de Infância

E1- Educadora extra instituição

E2- Educadora da sala

E3- Educadora Especialista

## Índice

Introdução .....	9
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	11
1. Uma visão sobre o desenho Infantil .....	11
2. O desenho Infantil como fator de desenvolvimento.....	13
2.1.As fases do Desenho Infantil.....	16
PARTE II- ESTUDO EMPÍRICO .....	24
1. Metodologia .....	24
1.1. Justificação e pertinência do estudo .....	24
2. Definição clara do caso, objetivos que persegue, e descrição pormenorizada do contexto ....	26
2.1 Formulação do problema e Objeto de Estudo .....	26
2.2 A amostra .....	27
2.3 Método de recolha e análise de dados .....	28
2.4 Descrição do contexto .....	30
3. Apresentação e Interpretação das unidades de análise .....	31
3.1.- 1ª Unidade de análise – O modo como a expressão gráfica surge nas atividades do quotidiano da criança .....	32
3.2 -2ª Unidade de análise - A forma como a expressão gráfica é explorada pelos adultos; .....	35
3.3- 3ª Unidade de análise- A importância que a expressão gráfica reveste para a compreensão da criança; .....	39
3.4- 4ª Unidade de análise- A importância pedagógica da expressão gráfica na sala de J.I.....	41
Propostas de Atuação do Adulto face ao desenho infantil .....	49
Considerações Finais.....	51
Bibliografia .....	53
Referencias webgráficas.....	54

**Índice de quadros**

Quadro nº 1- Idade e Género do Educando.....	30
Quadro nº 2 -Como desenha em casa.....	32
Quadro nº 3 - Resultados da categoria: Modo de Desenhar.....	33
Quadro nº 4 – Importância dos modos de desenhar nas diferentes faixas etárias.....	34
Quadro nº 5 – Resultados da Categoria: Mediação do Adulto.....	35
Quadro nº 6 – Atitudes dos Encarregados de Educação.....	36
Quadro nº 7 – O Desenho como Atividade.....	37
Quadro nº8- Origem da estimulação por parte dos Encarregados de Educação .....	38
Quadro nº 9 – Importância do estudo do tema.....	40
Quadro nº 10 - Atitude do educando e do Encarregado de Educação em relação ao desenho.....	40
.Quadro nº 11- Intensão Educativa do Desenho.....	42
Quadro nº 12- Relação do Desenho com outras áreas curriculares.....	43
Quadro nº 13- Divulgação do Desenho.....	43
Quadro nº 14- Avaliação Evolutiva do Desenho.....	45
Quadro nº 15-Finalidades do Desenho.....	47
Quadro nº 16- O que faz com os Desenhos.....	47

## **Índice de Apêndices**

Apêndice nº I - Guião da entrevista sobre a importância do desenho infantil para os adultos

Apêndice nº II - Transcrição da entrevista à educadora extra instituição

Apêndice nº III – Transcrição da entrevista à educadora da sala

Apêndice nº IV- Transcrição da entrevista à educadora especialista

Apêndice nº V – Quadros de análise das entrevistas

Apêndice nº VI- Guião dos questionários aos encarregados de educação

Apêndice nº VII- Quadros de análise dos questionários

Apêndice nº VIII - Grelha de verificação

Apêndice nº IX- Desenhos das crianças



## Introdução

Este Estudo pretende refletir e dar resposta a algumas das minhas preocupações e interesses enquanto futura profissional de educação, na medida em que me interrogo frequentemente, quer sobre a dificuldade de comunicação e de perceção de pensamento das crianças em idades mais pequenas, quer sobre a forma como são utilizadas as expressões gráficas das crianças pelos educadores, e da importância que estes lhes atribuem. Na verdade, o interesse e a vontade de conhecer e de saber identificar os sentimentos das crianças e assim conseguir chegar a elas, levaram-me a refletir acerca deste tema.

Com este estudo pretende-se investigar de que modo a interpretação do desenho infantil está presente nas vivências das crianças em diferentes contextos (J.I/casa...), e também a importância que tem para os adultos responsáveis pelo desenvolvimento da criança, esta forma de expressão.

O presente estudo constará de duas partes: a primeira, diz respeito a uma pesquisa teórica para uma melhor compreensão da problemática em estudo; a segunda remete para um trabalho mais prático, em que se demonstra como é vista a expressão gráfica da criança pelos educadores (encarregados de educação e educadoras de infância).

Assim, na segunda parte apresenta-se o modelo de investigação que se insere na metodologia de estudo de caso, o que remete para uma análise exaustiva de todos os dados. Começa-se por caracterizar a dinâmica da sala de Jardim de Infância de referência no estudo, principalmente em relação à temática que se pretende estudar, para que se possa recolher informação necessária para fundamentar o estudo em questão.

Para compreendermos como os adultos percecionam a expressão gráfica da criança, e qual o feedback que dão a essa forma de expressão, serão realizadas entrevistas às educadoras responsáveis pela instituição de ensino que serve de base ao estudo, assim como à sua diretora pedagógica, responsável pela dinâmica da dita instituição. Será igualmente aplicado um questionário aos encarregados de educação das

crianças a frequentar a instituição para se conhecer a importância que dão aos desenhos dos seus educandos/filhos e ao seu envolvimento nessa forma de expressão.

Para complementar, enriquecer e consolidar a investigação serão realizadas entrevistas a especialistas da temática em estudo.

Pretendo com a análise multifacetada da temática conhecer a situação real do caso (a expressão gráfica das 16 crianças e o que esta representa para os adultos de referência) confrontando-a com a situação que seria, segundo diversos autores e especialistas, a ideal.

Por fim apresenta-se algumas estratégias com o objetivo de incentivar para a interpretação do desenho infantil.

Por último tecem-se as conclusões sobre o estudo e apresenta-se a bibliografia de referência.

## PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 1. Uma visão sobre o desenho Infantil

Soa como senso comum a frase “o desenho espelha o que as crianças dizem sobre si mesma, mas na verdade o desenho é a primeira obra das crianças, traduz a sua riqueza expressiva. De acordo com Ana Salvador (1999) o desenho pode, em distintas situações, tornar-se na indicação, no “espelho” do estado de espírito da criança, porque traduz o que sente, pensa, deseja, o que a deixa inquieta, alegre ou triste.

Sobre esta temática também Pereira (s/d) considera que o desenho é uma das manifestações semióticas, isto é, uma das formas através das quais a função de atribuição da significação se expressa e se constrói. O autor, com base na teoria de Piaget, conclui que a expressão gráfica se desenvolve concomitantemente a outras manifestações, entre as quais o brincar e a linguagem verbal, e que a sua evolução se processa por etapas que caracterizam a maneira da criança se situar no mundo: a semelhança ao objeto representado está diretamente relacionada com a apropriação, por parte da criança, do mundo à sua volta.

Vygotsky (1988), por sua vez, destaca outras condições no desenho. Uma delas é relativa ao domínio do ato motor, uma vez que para o autor, o desenho é o registo da passagem do gesto à imagem; outra, diz respeito à percepção da possibilidade de representar graficamente algo, a qual configura o desenho como precursor da escrita.

Pensamos que as Orientações Curriculares para o Pré-escolar se inserem nesta orientação quando referem:

*“Não se pode, porém, esquecer que o desenho é uma forma de expressão plástica que não pode ser banalizada, servindo apenas para ocupar o tempo. Depende do educador torná-la uma atividade educativa”*

(Orientações Curriculares: 1997, p.61).

Vygotsky, na obra supra citada, comenta ainda a existência de “certo grau de abstração” na atitude da criança que desenha, uma vez que esta representa conteúdos da sua

memória, e salienta o papel da fala nesse processo considerando que a linguagem verbal é a base da linguagem gráfica do desenho por a criança conseguir nomear o que vai desenhar, e mais tarde, designar o que representou.

Segundo Pereira (s/d.) outros autores tais como Read (1977) e Lowenfeld (1977) comungam e reforçam estas proposições básicas.

Read (1977) evidencia que o desenvolvimento do pensamento advém das imagens visuais, ou seja, a criança desenvolve o seu pensamento através das imagens que vê. Para o autor há no desenho uma ligação entre a imaginação e a percepção.

Lowenfeld (1977) comunga com esta afirmação ao defender que o desenho é importante para o desenvolvimento da criança, pois através do desenho a criança desenvolve a capacidade de se expressar, de representar o que sente ou vê e ao mesmo tempo desenvolve igualmente a sua criatividade.

Daqui depreende –se que uma vez que o desenho é a expressão do sentir da criança, para que se possa compreender o seu significado deve de se observar e conhecer primeiro a realidade da criança, e só depois partir para a interpretação do seu desenho. Como refere Pereira (s/d, p.5) citando Ferreira (1998), *o desenho da criança é o lugar do provável, do indeterminado, das significações (...) daí emerge a importância desse considerar o primeiro desses intérpretes, a própria criança.*

O exposto neste ponto leva-nos a deduzir que o ato desenhar, envolve três operações mentais básicas por parte a criança: memória, imaginação e percepção que, por sua vez apelam a capacidades a nível motor (coordenação óculo-manual e de praxia fina) e intelectual (observar, escolher e comparar estímulos, simbolizar e representar). Como quer as operações mentais referidas, quer as capacidades mencionadas estão implicadas na aquisição de conceitos, deduz-se que o desenho contribui para o desenvolvimento da aquisição de conceitos.

## 2. O desenho Infantil como fator de desenvolvimento

Para a escola, o desenho da criança é encarado como um instrumento de medida, ou como meio de desenvolvimento de aspetos importantes da criança, dos quais são destacados a inteligência, a motricidade e o sentido estético.

No que diz respeito à inteligência, nos dias de hoje ainda se recorre ao desenho da criança como instrumento para a medir. Fazendo fé em Ana Salvador, (1988) existem diversos tipos de testes de desenho, e um dos mais conhecidos é o teste de desenho da figura humana de Goodenough, que tem como fim medir a inteligência da criança que o desenha, dando-nos assim o seu quociente de inteligência.

A autora considera que os desenhos da criança ao longo do seu percurso escolar são o testemunho do seu desenvolvimento: quando na entrada na pré-escola, pelos três anos, a criança apresenta-se na fase da garatuja, vai progredindo, adquirindo o domínio do traço, das técnicas gráficas, do movimento e evolui alcançando a sensibilidade à cor, à forma e ao espaço, competências que, posteriormente, lhe permitirão alcançar realizações mais complexas como o volume e a terceira dimensão, ou seja, *de movimentos incontrolados passará a uma coordenação mais desenvolvida, o que resulta da evolução da sua motricidade.* (Salvador, 1988,p.19)

Vulgarmente pensa-se que a capacidade de imaginação e de criação são inatos, a criança “nasce com elas” contudo a educação pode e deve estimular essas capacidades, desenvolver o sentido estético para potenciar os atos criativos da criança.

Vão neste sentido as indicações das Orientações curriculares quando referem:

*A expressão Plástica enquanto meio de representação e comunicação pode ser da iniciativa da criança ou proposta pelo educador, partindo das vivências individuais ou de grupo. Recriar momentos de uma atividade, aspetos de um passeio ou de uma história, são meios de documentar projetos que podem ser depois analisados, permitindo uma retrospectiva do processo desenvolvido e da evolução das crianças e*

*do grupo. Servindo também para transmitir aos pais e comunidade o trabalho desenvolvido*

Orientações Curriculares (1997, p.62)

O ponto da comunicação, e do significado que se atribui à expressão gráfica da criança, mostra-se então bastante importante, tendo sempre em atenção as vivências das crianças, como dizem as orientações curriculares. Também se pode verificar esta preocupação no modelo pedagógico do MEM (Movimento da Escola Moderna) cuja metodologia de intervenção no espaço educativo tem como principal objetivo defender diversas formas de comunicação que vão estimular o desenvolvimento em diferentes áreas, e que promovem a construção interativa do conhecimento. De acordo com o site do MEM esta metodologia tem como propósito, todos poderem aceder à informação de que cada um dispõe, aos seus produtos de estudo e de criatividade artística e intelectual. Estas trocas de informação alcançam a dimensão social das aprendizagens e o sentido solidário da construção dos saberes e das competências instrumentais que os expressam (cálculo, desenho e escrita).

Também o denominado modelo Reggio Emilia parece ir ao encontro destes ideais uma vez que mostra preocupação em estabelecer a ligação entre educação e cultura. Segundo Miranda, H.S (s/d) a organização educativa que tem por base este modelo, quer a nível escolar quer a nível de intervenção com as crianças, tem uma ligação forte com as diferentes formas de representação da cultura, (teatro, shows, exposições, cinema entre outros). Este modelo está representado na sociedade pelos desenhos das crianças, desde a possibilidade de decorar lojas da cidade com as “obras infantis”, a listas telefónicas, lojas... pelo que é notória uma intensiva participação escola-sociedade. Aqui a criança é vista como competente, forte e rica.

Assim podemos verificar que não só as orientações curriculares incidem sobre a importância do desenho infantil e da sua comunicação, mas também o MEM incentiva a comunicação através das expressões gráficas. De igual modo se apresentam as escolas que seguem o modelo Reggio nas quais a preocupação principal incide em mostrar todos os trabalhos que as crianças realizam.

Sendo assim, devemos dar liberdade às crianças e proporcionar-lhes ambientes agradáveis para que elas possam exprimir-se através do desenho da melhor forma possível. Não “pedir” um desenho apenas para o tempo passar mas ter objetivos para o mesmo.

Enquanto a criança brinca com bonecas ou carrinhos ela diverte-se, entra no seu mundo de fantasia, cria e inventa personagens e ambientes ou até transfere para as brincadeiras o que observa no seu dia-a-dia. O mesmo acontece com o desenho quando, num ato espontâneo, a criança também cria personagens e ambientes, traçando-os no papel pois, comungando da opinião de Luquet,

*A partir do momento em que a criança inicia o desenho, faz o primeiro traço no papel, já está a iniciar o jogo, transpondo os seus sentimentos, desejos e emoções, positivas ou negativas, “tirando-as” do interior para o exterior.*

(Luquet, 1927,p.60)

Segundo o autor, para a criança o desenho é um meio de comunicação. Esta desenha sempre para alguém ainda que esse alguém seja a própria, ou alguém que nem esteja presente, e o mais engraçado, alguém a quem até nunca o possa dar, mas fá-lo para comunicar com ela.

A comunicação tem sempre de encontrar um interlocutor, porque senão torna-se num monólogo, e a nossa tarefa de adultos é compreender e responder ao que a criança nos comunica com os seus desenhos.

Como diz Cobo (1982,14): *Nos momentos difíceis da sua vida, a criança evade-se para um mundo imaginário em que ninguém a impedirá de realizar os seus desenhos. As manifestações visíveis desta fuga são os sonhos, os contos, os jogos e os desenhos.*

## 2.1.As fases do Desenho Infantil

Diversos autores estudaram diferentes visões sobre a questão do desenho infantil, exemplo deles são Analice Dutra Pillar, Liliane Lurcat, Luquet, Ana Angélica Albano Moreira, Jean Piaget, Victor Lowenfeld e Lev Vygotsky entre outros.

Dentre estes autores que estudaram o grafismo infantil, todos eles reconhecem existir diversas fases, etapas ou períodos que se tornam comuns aos sujeitos na fase do desenho enquanto forma de representação.

Segundo Alexandroff (2010), Piaget identifica cinco fases do desenho, contudo como o nosso estudo se debruça sobre a expressão gráfica de crianças com idades entre os três e os cinco anos, apenas mencionamos as enquadradas nestas idades que são a garatuja e o pré-esquematismo. A fase da garatuja inicia-se na fase sensório-motor, entre 1 e os 2 anos de vida da criança e vai até aos 3-4 anos já no período Pré-Operacional.

Nesta fase (da garatuja) a criança apresenta bastante prazer em desenhar, sendo ainda inexistente a figura humana.

Continuando a fazer fé na autora que continua a basear-se em Piaget, a garatuja pode dividir-se em garatuja desordenada e garatuja ordenada.

Na garatuja desordenada, os movimentos são amplos e desordenados, não existe preocupação com os traços, sendo estes sobrepostos com outros traços diversas vezes.

Já na garatuja ordenada, os movimentos surgem com traços longitudinais e circulares, em relação à figura humana esta ainda surge mas de uma forma imaginada, podendo surgir o interesse pelas formas.

A fase da garatuja é assim marcada por ainda não existir relação fixa entre o objeto e a sua representação, apesar de nesta fase a criança poder já dizer o que vai desenhar.

“... ela pode dizer que um círculo ovalado seja um avião, e antes de terminar o desenho, dizer que é um peixe”. (Alexandroff,2010).

No Pré-Esquematismo surge a descoberta da relação entre desenho, pensamento e realidade, os elementos do desenho não se relacionam e ficam desordenados.



Alexandroff (op-cit) define a fase seguinte - esquematismo – como a fase em que sucedem normalmente 2 consecuições, a descoberta da relação cor objeto e o uso da linha de base, já existindo também uma conceção sobre a figura humana.

Para Piaget a fase do esquematismo apresenta-se na fase das operações concretas (dos 7 aos 10 anos).

Gândara (1987) refere que a criança entre os quatro e os cinco anos tendem já a usar a cor (por norma duas) sem referência com a realidade. Os estudos da autora mostram que as crianças entre os 6 e os 8 anos tendem a utilizar uma grande profusão de cores em que o colorido se relaciona com aspetos concretos dos elementos desenhados

Vygotsky, (1989) também se debruçou sobre o desenho infantil considerando que a sua evolução apresenta duas condições:

- em primeiro lugar é o domínio do ato motor, ou seja, o desenho numa fase inicial é o registo do gesto, passando posteriormente a ser o da linguagem;
- em segundo lugar a fala no ato de desenhar é essencial

A primeira característica indica que o desenho é pioneiro da escrita. Pode dizer-se assim que se constitui uma realidade conceituada quando existe perceção do objeto no desenho, pois a criança aí já atribui um sentido ao desenho.

No que concerne à segunda a criança desenha e só depois fala o que desenhou, posteriormente ela antecipa a fala, dizendo o que vai desenhar.

Assim sendo, para Vygotsky afirma que a linguagem verbal é a base da linguagem gráfica.

Vygotsky identifica quatro etapas de desenvolvimento da expressão gráfica infantil.

A primeira etapa - a simbólica - é a fase da figura humana mas muito resumida. Vygotsky descreve assim esta fase como a altura em que as crianças utilizam a memória e desenham os objetos sem grande preocupação sobre o que pensaram desenhar.

Segundo o autor, nesta etapa a criança *representa de forma simbólica objetos muito distantes do seu aspeto verdadeiro e real.*

Na segunda - simbólico-formalista - já se consegue identificar melhor os traços e as formas do desenho. Nesta etapa já se percebe e identifica-se uma representação mais parecida da realidade. É a etapa que a criança *representa de forma simbólica objetos muitos distantes do seu aspeto verdadeiro e real*. (Vygotsky, 1987, Cit, Alexandroff,2010).

Outra etapa é a do formalista veraz, as representações gráficas são idênticas à forma observada dos objetos, terminando assim os aspetos mais simbólicos das etapas anteriores.

A última etapa segundo o mesmo autor é a etapa formalista plástica, nesta etapa o grafismo passa a ser um trabalho criador, deixando de ser uma atividade.

O que acabámos de apresentar leva-nos a considerar ambos os autores considerarem o desenho como precursor da escrita e que quer Piaget quer Vygotsky

*...apesar de focarem aspetos diferentes do desenho infantil, Piaget focando mais os aspetos epistêmicos e Vygotsky os aspetos mais sociais, no que diz respeito à importância do desenho no desenvolvimento da criança é a característica de que a criança desenha o que lhe interessa e o que sabe a respeito de um objeto. (Alexandroff,2010 pp.11).*

De entre inúmeras teorias acerca do desenho infantil, Luquet apresenta interessantes concepções que se podem ser confrontadas com outras teorias.

Segundo Binfaré (2009), para Luquet pp. 16 “o desenho pode, em certo sentido, ser considerado como um processo que permite representar objetos, tanto pelo conhecimento que temos dele ou pela maneira como o conhecemos, como pela aparência que oferecem aos nossos olhos”.

Luquet, classificou em níveis o desenvolvimento do desenho infantil.

- ” Realismo fortuito”, foi o primeiro nível do desenho que o autor desenvolveu. Este divide-se em dois momentos, no primeiro momento, que classificou como momento involuntário, as linhas traçadas pelas crianças não são fruto de consciência de objetos, a criança apenas traça por traçar não tem intenções de

representar nada. No segundo momento, momento voluntário, a criança principia a sua representação com um propósito que pode não coincidir com a interpretação do produto final, isto porque no final, a criança interpreta o desenho com aquilo que ela acha parecido. Este nível apresenta-se nas crianças até aos dois anos e meio aproximadamente.

- “Incapacidade sintética” ou “realismo falhado” é o nível seguinte e é representado por crianças entre os três e os cinco anos de idade. Neste nível a criança faz representações exageradas de um objeto ou pode até omitir partes do mesmo, de acordo com a importância que o objeto representa para ela.

De acordo com Luquet (1927), nesta fase ainda está presente uma incapacidade no pensamento da criança o que origina a sua falta de atribuições sobre o objeto a ser representado. Assim, normalmente a criança representa frequentemente o seu meio social, local onde esta inserida bem como os seus vizinhos.

- “Realismo intelectual”, é o nível seguinte, aquele em que a criança utiliza outros recursos como a transparência para representar todo o conhecimento que tem sobre o objeto. Por exemplo, ao representar o corpo humano, desenha os órgãos internos, ou para representar uma casa, desenha os objetos que estão dentro da mesma.

Ainda neste nível, as crianças começam por adquirir as primeiras noções de distâncias e projeções, onde estas serão representadas com maior lucidez no nível seguinte.

Segundo Luquet (op.cit.), é criticável submeter o desenho à concepção de realismo. Sobre o nascimento da representação figurativa e da passagem de uma fase para a outra, a análise do autor é insuficiente na medida em que este a explica. Contudo foi o primeiro autor a distinguir as etapas do grafismo infantil.

Para o autor, o “sentido do percurso”, é o mais importante, deixando de lado as etapas por si só.

O acima exposto leva-nos a concluir que diferentes autores consideram que o desenho da criança evolui por fases ou níveis, fases essas que representam a forma como a criança apreende o que a rodeia. Assim sendo pode afirmar-se que o desenho

testemunha a capacidade psicomotora da criança representar o seu ambiente. Capacidade essa, que pode ser estimulada pelos adultos.

Assim, é de extrema importância que o educador/a reconheça as fases do desenvolvimento do desenho infantil de acordo com os diferentes teóricos. Deste modo, ele/a será competente para analisar as produções das suas crianças, com diferentes critérios e auxiliar no processo de aprendizagem das mesmas.

## **2.2. Estimular a capacidade de desenhar**

De acordo com Binfaré (2009), nenhuma pessoa nasce a saber andar, falar ou escrever, da mesma forma que nenhuma nasce a saber desenhar. Tal como as outras capacidades, o desenho vai evoluindo sobre diversas experiências que a criança terá de vivenciar.

Existem inúmeros aspetos que podem contribuir para influenciar o processo de desenvolvimento do desenho de cada indivíduo, as oportunidades oferecidas, o sistema educacional ou a realidade que o indivíduo está inserido, são aspetos que contribuem para esse processo.

Mostramos no ponto anterior que a criança inicia-se no desenho com o rabisco, por volta dos dois anos de idade, desenhando pelo prazer de deixar as suas marcas ou por querer imitar os adultos. Os traços que ela vai deixando no papel, constituem-se posteriormente como novos estímulos, o que a leva a experimentar novas superfícies como a areia, o vidro ou até as paredes.

Tendo como referência os estudos de Binfaré (2009) o controlo motor e as descobertas estéticas, são alguns dos aspetos em que se pode estimular a capacidade de desenhar da criança. De acordo com a autora, a criança memoriza os traços transcritos para o papel, traços esses, que sugerem formas e à medida que ela adquire o controlo motor vai produzindo essas mesmas formas mas de maneira mais controlada e mais limpa. Se o adulto a orientar nessas produções essas formas irão sendo cada vez mais precisas.

Ana Salvador (1999), comunga esta afirmação considerando que a criança apresenta a necessidade inata de se expressar quer através do brincar quer pela expressão gráfica,

pelo que não é necessário que o adulto estimule na criança o desejo de desenhar ou brincar, o adulto só tem que permitir e apoiar esse desejo. Para desenhar a criança necessita de os materiais indicados, para brincar ela já o pode fazer sem ter brinquedos, no entanto para brincar a criança já necessita de um espaço amplo enquanto no desenho um cantinho já lhe serve.

Por sua vez Derdyk (1989) afirma que o desenho é uma ferramenta para os adultos interpretarem o pensamento da criança, visto ser o resultado do que a criança vê, pensa e imagina.

Constamos assim que para estes três autores a expressão gráfica adquire uma enorme importância para o desenvolvimento da criança tanto em casa como na escola, sendo importante o envolvimento do adulto no mínimo para lhe disponibilizar materiais pois, para que a criança se sinta confiante para elaborar as suas representações, o meio ambiente deve ser estimulante.

Para Binfaré (2009) o facto de hoje em dia as crianças possuírem uma enorme quantidade de brinquedos, contribui para que o brinquedo seja uma fonte de inibição e bloqueio da criança, visto que ela não sabe como brincar. A publicidade com que constantemente é “bombardeada fá-la simplesmente desejar, não lhe dá a oportunidade de admirar, fantasiar o que fazer com o brinquedo.

Até há bem pouco tempo a rua era o lugar de convívio e exploração, hoje com os perigos que se tem vindo a constatar, a rua também deixou de fazer parte do local das crianças brincarem. A sociedade ocidental também se mostra cada vez mais preocupada com o tempo formativo, e vai, aos poucos, pressionando a Escola para encurtar o tempo de recreio.

Devido a estas circunstâncias as crianças ficam cada vez horas confinadas a edifícios, de casa ou da escola.

De acordo com a autora supra citada, para desenhar a criança necessita de condições acessíveis a quase todas as famílias: lápis, tintas, giz, papéis, areia da rua, e os seus dedos. O que significa que os adultos cada vez mais estimulam a criança a desenhar.

Mas esta atividade não deve ser vista como uma atividade individualizada, só da exclusividade da criança, tem de ser compartilhada pelo adulto. É tão importante para a criança adquirir informação como adquirir liberdade de expressão.

Nesta orientação (dos adultos criarem condições para a criança desejar desenhar) encontram-se, também, os estudos de Moreira (1984) ao referirem a importância dos professores, sobretudo na pré-escola, valorizarem os desenhos da criança e evitarem críticas referentes a representações mal definidas, porque esse comportamento leva à interiorização por parte de criança de que “não sabe desenhar”. O autor propõe que se observe atentamente a prática da criança e se evite interpretações precipitadas.

Como é normal que as crianças em idade pré-escolar ainda não tenham uma linguagem que lhes permita expor os seus sentimentos e problemas é importante que, em casa, procure os pais e os veja como interlocutores da sua comunicação através do desenho. Assim, as suas representações adquirem forma de comunicação: a criança exprime os seus sentimentos e emoções que de outro modo não consegue mostrar por ter receio do castigo da censura, e pelos seus sentimentos de culpa derivados desse receio. Para que a criança comunique e desabafe os seus problemas, esta apenas precisa de uma palavra de atenção e preocupação, por exemplo “mostra-me o que desenhaste, diz lá o que é”.

A expressão gráfica, segundo Ana Salvador (1999) não tem de ser perfeita para ser vantajosa, pois não se deve de ambicionar que as crianças sejam artista. Deve ser vista como algo muito importante: como uma forma expressiva, livre e comunicativa, que permite que com muito pouco se consiga muito.

Para contrariar a possibilidade da escola alegar que para a educação o objetivo, na área da expressão plástica, é que a criança preze a beleza e consiga realizar trabalhos no âmbito de normas de cor, de formas e de proporções a autora supra mencionada cita Piaget e refere que:

*“A educação artística desse ser, antes de mais, a educação da espontaneidade estética e desta capacidade de criação cuja presença a criança já manifesta; e muito mais que qualquer outra forma de educação, não pode contentar-se com a transmissão e aceitação passiva de uma verdade ou de um ideal completamente*

---

*elaborados: a beleza, como a verdade, não tem valor se não é recriada pelo sujeito que a procura”.* (Ana Salvador: 1988: p 73)

Pelo acima exposto somos levados a concluir que em casa, a família, principalmente os pais, podem e devem fomentar o desenho livre e falarem sobre ele com as suas crianças, valorizando assim esta sua forma de expressão.

A escola, por sua vez, deve apoiar e estar atenta às expressões gráficas das crianças orientando-as sem lhes cortar a sua criatividade.

## PARTE II- ESTUDO EMPÍRICO

### 1. Metodologia

#### 1.1. Justificação e pertinência do estudo

No dia-a-dia da criança o desenho surge como uma função primária, pois a sua primeira abordagem com o mundo exterior é demonstrada a partir de rabiscos e traços que exprimem as suas necessidades, desejos ou interpretações acerca do mundo. Contudo e parafraseando Carla Binfaré (2009), assim como nenhuma pessoa nasce sabendo falar, andar e escrever, o desenho também é uma capacidade que vai se estabelecer a partir de muitas e sucessivas experiências que a pessoa irá vivenciar.

Pensamos que, a nossa necessidade em compreendermos o grau de importância que os profissionais e encarregados de educação concedem à expressão gráfica infantil se justifica pelo facto de estes serem os mediadores entre a criança e o conhecimento que esta adquire.

Como referimos no enquadramento teórico o desenho é visto por vezes como uma forma de traduzir o desenvolvimento da criança, outras vezes como um espelho das suas emoções. Na verdade existem inúmeras abordagens educativas no âmbito do desenho infantil, tais como as de Luquet, Kellogg, Greig ...pelo que é possível comparar diferentes propostas pedagógicas.

No entanto e apesar de todos os estudos sobre o desenho infantil, muitas vezes tem-se a percepção que este é visto pelos adultos como uma forma de entretenimento, sem que lhes prestem grande importância.

Como se pretende adquirir um conhecimento mais profundo e a compreensão de uma situação real, (a importância dada aos desenhos das crianças de uma sala de Jardim de Infância de S. Brás de Alportel) com a intenção de se perceber melhor a importância do tema, pensamos que a abordagem deverá integrar-se numa metodologia de carácter assumidamente qualitativo, sendo o estudo de caso a que consideramos mais concordante pois, de acordo com Coutinho e Chaves (2002), no estudo de caso



examina-se detalhadamente, com grande profundidade, “o caso” em contexto natural reconhecendo-se a sua complexidade, e utilizando para a sua análise os métodos considerados mais pertinentes.

Segundo este autor a apresentação metodológica do caso em estudo deve de apresentar sempre:

- *A definição clara do “caso”;*
- *Descrição pormenorizada do contexto em que o caso se insere;*
- *Justificação da pertinência do estudo e quais os objetivos gerais que persegue;*
- *Identificação da estratégia geral, justificando as razões da opção por caso “único” ou “múltiplo”;*
- *Definir qual vai ser a unidade de análise (ou unidades de análise);*
- *Fundamentação dos pressupostos teóricos que vão conduzir o trabalho de campo;*
- *Descrição clara de “como” os dados serão recolhidos, “de quem” e “quando”;*
- *Descrição pormenorizada da análise dos dados;*
- *Justificação da lógica das inferências feitas;*

(Coutinho, 2002:pp16)

Também Yin, 1994; Punch, 1998; Gomez, Flores & Jimenez, 1996, consideram que o estudo de caso terá de ter sempre uma abordagem ampla, sistémica e integrada, porque pretende compreender o caso em todas as suas vertentes.

Fieis à metodologia adotada, iniciámos este estudo com um quadro teórico que nos permitiu compreender o tema abordado e consequentemente analisar os dados a recolher no trabalho de campo.

Para uma melhor condução dessa análise subdividiu-se o objeto de estudo - Importância dada pelos educadores (encarregados de educação e profissionais de educação) às produções gráficas dos seus educandos - nas seguintes unidades de análise:

1. O modo como a expressão gráfica surge nas atividades do quotidiano da criança;
2. A forma como os adultos estimulam a expressão gráfica da criança;

3. A importância que a expressão gráfica reveste para a compreensão da criança por parte dos seus educadores;
4. A importância pedagógica da expressão gráfica na sala de J.I.

Estas unidades de análise, assim como os demais parâmetros apontados por Coutinho (op.cit) como inerentes à metodologia, serão definidos e analisados nos pontos que se seguem.

## **2. Definição clara do caso, objetivos que persegue, e descrição pormenorizada do contexto**

### 2.1 Formulação do problema e Objeto de Estudo

Como temos vindo a referir ao longo deste estudo pretende-se compreender se o desenho infantil surge, para os professores e encarregado de educação, como mero passatempo ou se é entendido como um instrumento pedagógico e de desenvolvimento, o que remete para a seguinte questão:

- Como são vistos os desenhos das crianças pelos adultos responsáveis pela sua educação?

Desta questão decorre o principal objetivo deste estudo: *Compreender a forma como são entendidas as expressões gráficas das crianças pelos educadores e encarregados de educação e a importância que estes lhes dão.*

No final deste estudo pretende-se dar resposta aos seguintes **objetivos**:

- Compreender até que ponto o desenho é valorizado pela educação como forma de expressão;
- Conhecer dados identificadores das etapas do desenho infantil;
- Identificar o significado que educadores e pais atribuem à expressão gráfica infantil;

- Conhecer quais as metodologias utilizadas no Jardim de Infância para a comunicação com base no desenho.

## 2.2 A amostra

Pelo acima exposto o caso em estudo insere-se na tipologia de caso único e intrínseco de acordo com a definição de Stake (1995) porque com este estudo se “pretende uma melhor compreensão de um caso particular que contém em *si mesmo* o interesse da investigação” (citado por Coutinho e Chaves, 2002:6)

Segundo Stake a investigação de acordo com o estudo de caso não se baseia em amostragem, pois “não se estuda um caso para compreender outros casos, mas para compreender o caso” (Stake, 1995:4) devendo-nos basear-nos em “critérios pragmáticos e teóricos em vez de critérios probabilísticos, buscando-se não a uniformidade mas as variações máximas” (Bravo, 1998: 254). Contudo, tendo em conta as modalidades de amostragem intencional passíveis de integrarem um estudo de caso, referenciadas pelo mesmo autor, podemos considerar que escolhemos uma **amostra de conveniência**, pois escolheu-se uma sala de um Jardim-de-infância em São Brás de Alportel por ficar perto da nossa área de residência, e também por ser a única sala heterogénea da Instituição no que respeita a idades das criança, e porque quer a educadora, quer a orientadora da Instituição, quer mesmo os encarregados de educação, se disponibilizarem a cooperarem com o estudo.

Para se poder proceder a uma triangulação dos dados para além da educadora da sala, e uma vez que esta possui habilitações académicas de grau avançado, entrevistou-se uma educadora especialista na área da Educação de Infância e uma outra educadora só com a formação básica para exercer a profissão.

## 2.3 Método de recolha e análise de dados

### *Técnicas e instrumentos de recolha de dados*

Para o desenvolvimento deste estudo recorreu-se a diferentes técnicas de recolha de dados construindo-se também alguns instrumentos para o efeito, nomeadamente:

- Entrevista semiestruturada à diretora pedagógica, que é simultaneamente a educadora responsável pela sala, a uma educadora extra à instituição, e também, a uma educadora especialista em educação de infância, com base num guião pré-definido que se apresenta no apêndice nº I;
- Construção e aplicação de um questionário aos encarregados de educação das crianças daquela sala (apêndice nº VI);
- Observação naturalista da sala em estudo, cujos dados estão compilados na grelha de verificação (apêndice nº VIII);
- Observação das produções das crianças alvo.

### *Entrevistas*

Após a realização das três entrevistas procedeu-se à transcrição integral de cada uma (Apêndices II; III; IV). Posteriormente procedeu-se a uma leitura transversal e flutuante dos textos, com base numa primeira grelha organizada em função dos dois grandes blocos temáticos constantes do guião da entrevista: Dados de formação e experiência profissional; Importância dada ao desenho infantil e metodologia aplicada.

Voltou-se a efetuar sucessivas leituras aos dados agrupados, tendo-se chegado a uma categorização segundo um sistema hierárquico, a partir do qual se ramificaram outras componentes menos abrangentes, traduzidas por subcategorias e respetivas unidades de registo (Apêndice nº V: Grelha de análise de conteúdo).

Como se pode ver pelo apêndice V, na grelha de análise de conteúdo, as três educadoras mostram ter bastante experiência, uma vez que, - E1- a educadora com menos anos de serviço diz trabalhar há 14 anos, - E2- há 26 e é – E3- à 32, 18 em atividade direta com crianças e 14 como formadora no ensino superior.

A análise da grelha permite-nos também constatar que apenas E1 tem o grau básico para a docência e E2 e E3 têm grau avançado para a docência, sendo E3 a educadora com maior grau, e considerada especialista.

Podemos também reparar que todas elas dão importância à formação continua embora E3 evidencie claramente essa importância.

Em relação ao tema em estudo, as três educadoras referiram ter tido formação contínua e que dão importância a esse tema.

Pensamos o que acabámos de expor justifica a escolha destas participantes para a recolha de informação.

### *Observação Naturalista*

Para se conhecer a dinâmica da sala realizámos observações das crianças em contexto natural e em momentos diferentes, durante uma semana. Anotou-se esses dados em registos informais que posteriormente se organizaram numa Grelha de Verificação (Apêndice nº VIII).

Durante estas observações recolheu-se também desenhos das crianças (apêndice nº IX) para melhor podermos fundamentar a nossa análise.

### *Questionário*

Para se conhecer dados sobre a importância dada ao desenho infantil pelos encarregados de educação e qual a prática das crianças desenharem em casa, elaborou-se um questionário que se passou a todos os encarregados de educação das crianças a frequentarem a sala em estudo.

Uma vez que se pretendia confrontar os dados obtidos com os recolhidos nas entrevistas das educadoras, elaborou-se o questionário com base nos grandes blocos do guião da entrevista e com questões fechadas. As respostas foram depois analisadas e os dados obtidos expostos em quadros que irão fundamentar as unidades de análise.

## 2.4 Descrição do contexto

A sala alvo para o estudo situa-se num Jardim de Infância (J.I.) da rede pública. É frequentada por 16 crianças com idades compreendidas entre os três e os cinco anos como podemos ver no quadro seguinte:

**Quadro 1- Idade e género do educando**

Idade \ Sexo	Feminino	Masculino
3		1
4	2	7
5	3	3
Total =	5	11

Ainda de acordo com os dados do quadro nº 1 pode-se afirmar que na amostra deste estudo existem cinco crianças do sexo feminino, duas delas com 4 anos e três com 5 anos; do sexo masculino existem 11 crianças: uma com 3 anos, sete com 4 anos, e quatro com 5 anos.

Podemos então dizer que no grupo de crianças desta sala, existem mais crianças do sexo masculino do que do sexo feminino, e que os 4 anos são os mais representativos com 9 crianças, seguindo-se os 5 anos com 6 e apenas uma das crianças tem 3 anos.

No que concerne às habilitações académicas dos encarregados de educação, e tendo em conta os questionários feitos aos mesmos, podemos considerar que este grupo de alunos se situa no estatuto sócio cultural médio-alto pois pode-se verificar que o grau de licenciatura predomina nas habilitações: 11 dos encarregados de educação dizem ser licenciados e apenas 5 têm o ensino secundário como se pode verificar no Apêndice VI no quadro referente às habilitações académicas dos encarregados de educação.

No que se refere à educadora responsável pela sala, esta é uma profissional com larga experiência e saber, como se pode constatar na sua entrevista (apêndice III) em que refere:

E2: *“tenho o mestrado em Ciências da educação, uma licenciatura em Educação de Infância “...”exerço esta profissão há 26 anos”*

Pela observação naturalista realizada na sala pudemos verificar que a sala é grande, tem uma saída direta para o recreio e está dividida em diferentes áreas correspondentes a diferentes espaços de atividade: matemática; escrita; expressões; jogos; e o de faz-de-conta.

No que se refere à dinâmica da sala pudemos apurar que durante a manhã as crianças exploram livremente os diferentes espaços. Na parte da tarde a educadora aborda temas que as crianças trabalham segundo a modalidade projeto, umas vezes em pequeno grupo, outras individualmente, e ainda outras vezes em grande grupo.

### **3. Apresentação e Interpretação das unidades de análise**

De acordo com Coutinho e Chaves (2002) o estudo de caso exige uma abordagem sistémica, sendo o estudo das unidades de análise efetuado através da análise e confrontação dos dados obtidos pelos diferentes instrumentos e técnicas de recolha.

Tendo em conta o problema a que pretendemos responder e os objetivos a alcançar as unidades de análise do estudo em causa prendem-se com:

1. O modo como a expressão gráfica surge nas atividades do quotidiano da criança;
2. A forma como os adultos fomentam a expressão gráfica da criança;
3. A importância que a expressão gráfica reveste para a compreensão da criança por parte dos seus educadores;
4. A importância pedagógica da expressão gráfica na sala de J.I.

## 3.1.- 1ª Unidade de análise – O modo como a expressão gráfica surge nas atividades do quotidiano da criança

Pela análise à grelha de verificação dos dados da observação (apêndice VIII) podemos constatar que:

A atividade de desenhar muitas das vezes surge de forma livre mas também existem desenhos com temas, dependendo do assunto/tema tratado na sala. Por vezes surgem por iniciativa das crianças e outras vezes por iniciativa e motivação da educadora.

Verificou-se também que a expressão gráfica, nesta sala, decorre tanto em grande grupo, pequeno grupo, a pares ou até mesmo individualmente, dependendo do contexto que a desencadeia.

No que respeita ao desenhar em casa e pelos dados apresentados no quadro nº 2, resultantes da análise dos questionários aos encarregados de educação, podemos constatar que a grande maioria das crianças (14) desenha livremente e por iniciativa própria, diferenciando-se no pedido de ajuda.

**Quadro 2: Como desenha em casa**

Idade \ Modo	Livre		Iniciativa própria		Ajuda		
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Às vezes
3	1		1		1		
4	7	2	8	1	4	5	
5	6		5	1	3	1	2
Total=	14	2	14	2	8	6	2

A criança com 3 anos desenha livremente e por iniciativa própria mas pede ajuda; das crianças de 4 anos apenas duas não desenhavam livremente precisando uma de ser ajudada, embora outras três peçam por vezes ajuda. Também podemos verificar que todas as crianças de cinco anos desenhavam livremente continuando contudo a gostar de serem ajudadas pois só uma não o faz.



Confrontando estes dados com os obtidos nas entrevistas às três educadoras (uma que coordena o J-I- (E2) e é responsável pela sala; outra externa à instituição (E1) e ainda outra considerada como educadora especialista (E3), e apresentados na matriz de análise de conteúdo (apêndice V), [quadro 3] damos conta que as educadoras não especialistas dão mais importância ao desenho com tema, enquanto a educadora especialista privilegia o desenho livre:

**Quadro nº3- Categoria Modo de desenhar**

Educadoras Subcategorias	Nº de indicadores de registo		
	Educadora 1	Educadora 2	Educadora 3
Desenho livre	2	2	4
Desenho com tema	4	6	3
Total=	6	8	7

Se se atender ao extrato que se segue vemos que E3 evidencia o momento em que deve surgir o tema:

E3- *“Eu acho que logicamente quando uma criança se está a iniciar no desenho não tem sentido estar a dar tema, porque a grande preocupação do educador é que ela desenhe, é que ela se expresse livremente”.*

Quanto à E1, apesar de achar importante o desenho livre, realça mais o desenho com tema.

E1- *“Os temas são importantes para nós percebermos o que captam de tudo o que nós dizemos acerca de um tema, acaba por ser um teste de avaliação”.*

Da mesma opinião também comunga a E2:

E2- *“...o desenho com tema ou dirigido, ... é estruturante na medida que eles tem de fazer ligações, representações, têm de imaginar, há um tema mas também obriga á imaginação.”.*

Estas duas educadoras parecem não terem em conta que, tal como referimos no enquadramento teórico, Vygotsky considera que a criança pequena desenha com “certo grau de abstração” uma vez que esta representa conteúdos da sua memória, salientando o papel da fala nesse processo considerando que a linguagem verbal é a base da linguagem gráfica do desenho pois a criança começa por nomear o que vai desenhar, e só mais tarde, designa o que representou.

Esta nossa interpretação é apoiada pelas unidades de registo inseridas na subcategoria “Importância dos modos de desenhar nas diferentes faixas etárias” integrada na categoria Modos de Desenhar já referenciada e apresentadas no quadro nº 4.

#### Quadro nº 4 - Importância dos modos de desenhar nas diferentes faixas etárias

Subcategoria	Educ.	Unidades de registo	
Importância dos modos de desenhar nas diferentes faixas etárias	E1	-...o meu grupo é ... de 4,5 e seis anos, e considero que os dois são importantes	1
	E2	-...acho importante tanto o desenho livre como com tema desde os 3 anos ate ao 1 °ciclo...	1
			Total=2

Pelo acima exposto pudemos concluir que em casa as crianças desenhavam de forma livre, sendo ajudadas quando pedem, parecendo que os familiares entendem o desenho como forma de expressão individual enquanto no Jardim de Infância parece ser visto mais como uma ferramenta para reconhecer o conhecimento do aluno.

Em síntese, podemos concluir que as crianças estudadas gostam de desenhar, que o fazem na maior parte das vezes por iniciativa própria, quer no jardim-de-infância quer em casa, com orientação do adulto, mas muitas vezes livremente.

É interessante também verificar que só a educadora especialista alude às etapas do desenvolvimento da criança corroborando do exposto pelos autores referenciados, nomeadamente Piaget que refere que nas idades entre os 3 e 6 anos, na fase do Pré-Esquematismo, os elementos do desenho não se relacionam e ficam desordenados porque a criança está a descobrir a relação entre desenho o pensamento e a realidade.

## 3.2 -2ª Unidade de análise - A forma como a expressão gráfica é explorada pelos adultos;

Para podermos estudar a 2ª unidade de análise, recorreremo-nos dos dados obtidos através da análise às entrevistas e aos questionários aos encarregados de educação.

De acordo com essa análise podemos afirmar que as Educadoras consideram ter um papel importante no ato de desenhar da criança, como o somatório das unidades de registo apresentadas no Quadro 5 demonstram.

**Quadro nº 5 Categoria: Mediação do Adulto**

Educadores Mediação	Educador 1	Educador 2	Educador 3
Dar reforços	2	2	6
Estar atentos às necessidades	1	3	
Total=	3	5	6

A análise ao quadro também nos mostra a importância que a educadora especialista confere ao papel do adulto na evolução da capacidade de desenhar pois as suas unidades de registo (em maior número) evidenciam o reforço dado pelo adulto nesta atividade:

E3 -“...( dar) *reforços sensoriais...*, (dar reforços) *estéticos...*, (dar reforços) *materiais*”.

A educadora da sala, assume a liderança quando falamos de estar atentos às necessidades. Comprovando isso está a sua resposta na entrevista:

E2- “-... *tenho olho clínico* (para dar ajuda quando precisam) ...”.

A análise ao quadro nº 6: Atitude do educando e do encarregado de educação em relação ao desenho – mostra-nos que os encarregados de educação se preocupam com a expressão gráfica dos seus educando e a estimulam, pois numa amostra de 16 encarregados de educação, catorze dizem que quando os educandos lhes mostram um desenho deixam tudo e ouvem-no com atenção.

**Quadro nº 6 Atitudes dos Encarregados de Educação**

Reforços	Encarregados de educação
Estimula	7
Mostra interesse (deixa tudo e ouve-o com atenção)	14

Confrontando os resultados das profissionais de educação com os dados obtidos pelo questionário aos encarregados de educação, é visível a importância que todos os adultos dão à expressão gráfica das crianças, considerando que o seu papel é mais de reforçar esse seu comportamento, e prestar atenção à descrição que fazem e às necessidades que apresentam.

Estes resultados estão concordantes com o referido no ponto 2.2. Estimular a capacidade de desenhar (pp-19) da parte teórica, acerca dos estudos de Binfaré (2009). Para esta autora o controlo motor e as descobertas estéticas são alguns dos aspetos em que se pode estimular a capacidade de desenhar da criança. De acordo com a autora, a criança memoriza os traços transcritos para o papel, traços esses que sugerem formas, e à medida que ela adquire o controlo motor vai produzindo essas mesmas formas mas de maneira mais controlada e mais limpa. Se o adulto a orientar nessas produções essas formas irão sendo cada vez mais precisas.

Uma outra categoria que se enquadra nesta unidade de análise prende-se com o desenho como atividade apresentada no quadro seguinte.

A análise aos dados apresentados permite-nos concluir que segundo -E3- o ato de desenhar deve partir de diferentes fontes: artísticas, (pinturas, exposições, obras de arte, musica), visitas de estudo e também de histórias e mesmo conversas das aulas. Também -E1- considera que os desenhos podem ter origem a partir das conversas na aula.

**Quadro nº7 O Desenho como atividade**

Macro Categoria	Categoria	Subcategoria	E1	E2	E3
O desenho como atividade	Fonte	Artísticas			4
		Visitas de estudo			1
		Livros			1
		Passeios			1
		Oralidade	1		1
	Materiais	Diversos	1	2	1
	Aspetos a evitar	Entretenimento			2
		Rotina			1
		Falta de tempo			1
	Aspetos a ter em atenção	Contextualização	2		1
		Em dose certa	1	1	
	Total =22				

No que diz respeito a E2 das suas verbalizações depreende-se que esta também dá muita importância a atividade de desenhar uma vez que considera que:

E2- “... as crianças não necessitam de muitos materiais... uma criança até com o dedo desenha na areia...”

No ato de desenhar E1 e E3 consideram que é importante a contextualização em que este surge como prova o pequeno trecho de E1 e de E3:

E1- “... tem de haver ligações com a história que ouviram.”

E3- “... é importante estar sempre contextualizado com a intensão educativa...”

Um outro aspeto a ter em atenção referido por E1 e por E2 diz respeito à frequência do desenho no jardim-de-infância, segundo estas educadoras, *é preciso a dose certa*”.

Pensamos que E3- comunga deste parecer uma vez que diz que o desenho não pode aparecer como entretenimento nem como rotina *“é perigoso o desenho surgir como forma de ocupar o tempo”*.

No que concerne aos encarregados de educação (E.E.) pelo quadro abaixo que mostra os resultados sobre a origem da estimulação é possível apurar que dos 16 encarregados de educação, 13 estimulam-nos para acompanharem o desenvolvimento dos educandos., tendo 1 deles 3 anos, 7 com 4 anos e 5 com 5 anos.

**Quadro nº8 Origem da estimulação por parte dos E.E**

Idade da criança	Motivo para a estimulação		
	Interesse da criança	Acompanhar o desenvolvimento	Proporciona tempo livre ao E.E
3		1	
4	2	7	1
5	2	5	
Total=	4	13	1

Os dados apresentados também nos mostram que 4 encarregados de educação dizem estimular os seus educandos porque sabem que eles gostam de desenhar, e apenas 1 dos encarregados respondeu que estimulava o seu educando a desenhar porque lhe permitia a si ter tempo livre.

Todos estes aspetos que acabámos de mencionar são fundamentados pela abordagem teórica na primeira parte deste estudo, quer pelos modelos educativos apresentados, quer por autores referenciados.

Segundo Miranda (s/d) a intervenção educativa com base no modelo da escola moderna (MEM), incentiva a ligação entre os desenhos das crianças e as diferentes formas de representação da cultura (nomeadamente exposições) e a divulgação desses mesmos desenhos pela participação intensiva escola-sociedade. Também o modelo Reggio Emilia tem como principal preocupação em mostrar todos os trabalhos que as crianças realizam.

Se se tiver em conta os estudos de Derdyk (1989), Ana Salvador (1999), e Binfaré (2009) constatamos que a expressão gráfica adquire uma enorme importância para o desenvolvimento da criança tanto em casa como na escola, sendo importante o envolvimento do adulto no mínimo para lhe disponibilizar materiais pois, para que a criança se sinta confiante para elaborar as suas representações, o meio ambiente deve ser estimulante.

Pelo acima exposto pudemos concluir que a análise dos dados referentes à segunda unidade de análise que diz respeito **à forma como os adultos fomentam a expressão gráfica da criança** permite-nos afirmar que os educadores (encarregados de educação e

profissionais) devem de proporcionar à criança experiências várias (de contato com obras artísticas, visitas de estudo, apresentação de histórias...) que sirvam de fonte para as suas expressões gráficas assim como, materiais diversificados, e devem principalmente valorizar as suas produções.

### 3.3- 3ª Unidade de análise- A importância que a expressão gráfica reveste para a compreensão da criança:

*E2- “Penso que é das expressões mais genuína das crianças, o desenho livre quando eles desenhavam é o passar do que eles sentem para fora. É a forma como eles deixam as impressões deles, uma forma muito genuína de expressão, como se sentem, muitas pistas que nos ajudam a conhecer a criança melhor”.*

A frase que inicia a apresentação desta unidade de análise pertence à educadora da sala em estudo (E2), e segundo ela, o desenho ajuda a conhecer melhor as crianças, e vai ao encontro de Derdyk (1989) que afirma que o desenho é uma ferramenta para os adultos interpretarem o pensamento da criança, visto ser o resultado do que a criança vê, pensa e imagina

Esta afirmação é compartilhada pela educadora especialista que considera que para além do desenho nos ajudar a conhecer melhor as crianças também nos mostra o que sabem ou sentem sobre determinados assuntos.

*E3 “...é a forma (de expressão) mais rica da criança...através da oralidade não conseguem expressar mas no desenho expressam”.*

A importância que o desenho infantil assume para estas educadoras está patente na grande categoria - Estudo do tema- que apresenta o maior número de unidades de registo, principalmente na subcategoria - justificação- que apresenta 29 unidades de registo como se pode constatar no quadro que se segue.

**Quadro nº9 Importância do estudo do tema**

Macro Categoria	Categoria	Subcategoria	E1	E2	E3
Estudo do tema	Justificação	Importância	2	2	6
		Forma principal de Expressão	1	6	7
		Contributo para o desenvolvimento da criança	2		3
	Total=29				
	Referências	Orientações curriculares			1
		Literatura		2	2
	Total =34				

No que diz respeito aos encarregados de educação o quadro nº10 sobre a atitude dos encarregados de educação em relação ao desenho, apresentado em seguida traduz o seu interesse

**Quadro nº 10 Atitude do encarregado de educação em relação ao desenho**

Idade da criança	Reação à apresentação do desenho			
	a	b	c	d
3	1		1	
4	7	4	4	
5	6		4	3
Total=	14	4	9	3

**Legenda**

- a) Deixa tudo e ouve-o com atenção
- b) Pede-lhe para o mostrar à família
- c) Pergunto-lhe o que desenhou
- d) Incentivo-o a realizar outro desenho

Pela análise dos dados incertos no quadronº10 podemos afirmar sem sombra de dúvidas que os E.E. dão muita importância às produções gráficas do seu educando, uma vez que catorze em desaseis, deixa tudo e ouve com atenção a explicação sobre o que desenhou. A utilização do desenho como forma de comunicação parece ser então privilegiada, pois



também nove encarregados de educação referem perguntar o que desenhou ao seu educando mostrando que o desenho despoletou a comunicação entre eles.

Estes dados vão ao encontro do apresentado na parte teórica deste estudo (pp 9) onde se menciona que para Vygotsky a criança ao desenhar mostra um “certo grau de abstração”, uma vez que representa conteúdos da sua memória, salientando o autor a importância da ajuda do adulto para que a criança consiga nomear o que vai desenhar, e mais tarde, designar o que representou.

Outros autores tais como Read (1977) e Lowenfeld (1977) e Pereira (s/d.) reforçam a importância do desenho no desenvolvimento da criança. Estes autores afirmam que a criança desenvolve o seu pensamento através das imagens que vê, ao desenhar representa o que sente ou vê desenvolvendo desta forma o seu pensamento assim como a criatividade, pois para estes autores o desenho faz a ligação entre a imaginação e a percepção.

O acima exposto leva-nos a deduzir que o ato desenhar, envolve três operações mentais básicas por parte a criança: memória, imaginação e percepção. Como estas operações mentais estão implicadas na aquisição de conceitos, pressupõe-se que o desenho contribui para o desenvolvimento da aquisição de conceitos

Os dados apresentados permitem-nos concluir que os adultos responsáveis pela educação das crianças do estudo estão bem cientes d a importância do desenho no seu desenvolvimento o que é comprovado quer pela atenção dispensada à atividade quer pelo facto de considerarem que o desenho possibilita a compreensão da criança.

### 3.4- 4ª Unidade de análise- A importância pedagógica da expressão gráfica na sala de J.I.

Como já temos vindo a referir ao longo deste estudo, a expressão gráfica é uma expressão muito rica sobretudo nos primeiros anos de vida das crianças, pois é a forma como elas se expressam e tentam entrar no nosso “mundo”, comunicando connosco.

Sendo o J.I. o local onde normalmente as crianças passam a maior parte do seu tempo, julgamos pertinente debruçarmo-nos sobre a importância pedagógica que aí é dado à expressão gráfica.

Tendo em atenção os dados inscritos no quadro n.º 11 referente à categoria Intensão Educativa do Desenho podemos afirmar que o desenho no Jardim-de-infância é essencialmente visto como um meio para conhecer a criança e um meio de divulgar os trabalhos no J.I.

**Quadro n.º 11 Intensão Educativa do Desenho**

Categoria	Subcategoria	E1	E2	E3
Intenção Educativa	Como Modelo de referência			3
	Meio de Conhecer a criança		1	9
	Meio de divulgação dos trabalhos realizados no J.I	5	4	
	Total =21			

É interessante verificar que só -E3- considera o desenho no J-I- como um modelo de referência, e sobretudo o meio por excelência para conhecer a criança. Este parecer vai ao encontro do defendido pelo Movimento da Escola Moderna (MEM), do qual E3 diz ser membro, como se pode constatar na categoria Formação apresentada na grelha de análise de conteúdo das entrevistas. Para o MEM a dimensão social das aprendizagens, e o sentido solidário da construção dos saberes e das competências instrumentais que os expressam, é conseguida pela troca de informação sobre os produtos de cada um.

Os dados apresentados no quadro acima mostram-nos que é a educadora especialista (E3) quem das três educadoras atribui maior importância ao desenho em contexto do Jardim-de-Infância. Essa importância está patente na sua afirmação:

E3- “... Crescer a nível do desenho é tao importante como outra coisa qualquer”.

Prestando atenção à subcategoria -Relação do desenho com outras áreas curriculares- retirada da categoria - O desenho como atividade- (apêndice V) podemos afirmar que,

segundo -E3-, a partir do desenho se pode partir para todas as áreas curriculares embora esteja mais relacionado com a escrita. E1 também valoriza a ligação entre o desenho e a escrita, e a possibilidade de através do desenho se partir para o conhecimento do mundo.

**Quadro nº 12 Relação do desenho com outras áreas curriculares**

Subcategoria	Subcategoria	E1	E2	E3
Relação do desenho com outras áreas curriculares	Escrita	1		1
	Todas as áreas			1
	Conhecimento do mundo	1		

Estas referências são concordantes com o expresso na parte teórica quando se menciona que Vygotsky (1988), destaca a dimensão do desenho que diz respeito à percepção da possibilidade de representar graficamente algo, a qual configura o desenho como precursor da escrita.

Uma outra categoria que mostra como o desenho é utilizado no J.I. é a divulgação do desenho, cujos dados se apresentam no quadro abaixo.

**Quadro nº 13 Divulgação do Desenho**

Macro Categoria - <b>Divulgação do desenho</b>					
Categoria	Subcategoria		E1	E2	E3
Pela criança	Apresentação oral	Aos colegas	2	2	
		A educadora	1		
		Ao público	1		1
Pela educadora	Exposição	Oral, aos colegas	1		
		Na sala	3	1	2
		Tempo	1		
	Impacto da não exposição de todos os trabalhos	Não há Comunicação sobre os desenhos			3
		Não é reforçada a expressão			1
	Importância da exposição	Fonte de comunicação	1		3
		Valorização			2
		Interação com os encarregados de educação	4	3	1
Total =26					

Segundo os dados apresentados a divulgação do desenho quando feita pela criança reveste a forma oral e dirige-se segundo -E1- e -E2- essencialmente aos colegas. -E1- também considera que a criança apresenta as suas produções à educadora e ao público. Pelos dados referentes às entrevistas, as três educadoras valorizam a exposição dos desenhos na sala considerando que primeiro há uma apresentação prévia aos colegas. E1- refere que quando a criança é muito tímida essa apresentação é feita pela educadora porque a grande importância da exposição é ela ser uma fonte de comunicação o que é corroborado por E3. A educadora especialista vai mais longe considerando que quando não há exposição de todos os trabalhos não há comunicação sobre eles e portanto não é reforçada a expressão gráfica. Mais uma vez estas afirmações enquadram-se no defendido pelo defendido do MEM, o que parece não ser a posição de E2. Esta educadora considera que o desenho é uma ótima forma de interagir com os encarregados de educação pois diz:

E2- ...”vão nas capas para as reuniões (com os pais) ...”

-E1- também se serve deste meio para interagir com os E.E.. Considera que é através dos desenhos que mostra aos pais o que faz.

E1...”o feedback que nós queremos que os pais tenham connosco parte daí, mostrar o que foi feito...”

Por fim surge uma terceira categoria decorrentes das entrevistas às educadoras que se enquadra nesta unidade de análise: Avaliação da evolução do desenho - que apresenta o desenho enquanto instrumento de avaliação

Pelo quadro abaixo podemos constatar que os utilizadores do desenho enquanto instrumento de avaliação são de acordo com -E1- a própria criança:

E1- “... o jardim-de-infância é o princípio de tudo e acho que fica a recordação de como aprendeu a desenhar... a colorir...”

Quer E1 quer E2 consideram que o desenho possibilita a verificação do nível de desenvolvimento da criança.

E2-“... no fim do período olho com atenção ao dossier e vejo como evoluíram...”

Apesar de reconhecerem a importância da análise do desenho, estas educadoras referem que não analisam o desenho como o deveriam, fazem-no numa forma espontânea e pouco explorada.

Os parâmetros a que dão importância, prendem-se com a posição do desenho, a posição da folha, as cores, os traços, as formas e as figuras.

**Quadro nº 14 Avaliação da Evolução do Desenho**

Macro Categoria – Avaliação da Evolução do desenho			
Categoria	Subcategoria	E1	E2
Utilizadores	Criança	3	
	Publico	1	
	Educadora	1	1
Periodicidade	Sem sistematicidade	4	2
Parâmetros	Orientação da folha	1	1
	Posição do desenho	1	1
	Cores	1	1
	Traços	1	1
	Formas/figuras	1	1
		Total= 22	

As afirmações que indiciam que a evolução do desenho traduz o desenvolvimento da criança podem ser constatadas por dois desenhos de crianças, uma de três anos outra de cinco, da sala em estudo. (Apêndice IX)

**Ilustração 1 - Desenho 3 anos**



**Ilustração 2 - desenho da criança de 5 anos**



Como se pode ver no desenho da criança de três anos a figura humana apresenta-se como o elemento figurativo por excelência, enquanto no desenho da criança de cinco

anos esta já se enquadra no desenho como se este contasse uma “história”. Também a cor aparece em referência ao real (a relva verde, o céu azul, o coração vermelho).

Com base no exposto na página 16 deste trabalho, podemos dizer que esta criança de cinco anos se encontra na fase do esquematismo de acordo com Piaget, pois utiliza a relação cor / objeto, a linha de base, e mostra ter uma concepção maior sobre a figura humana do que a criança de 3 anos. Também, de acordo com os autores estudados, podemos afirmar que estes desenhos parecem pertencer a crianças mais velhas uma vez que segundo Piaget a fase do esquematismo apresenta-se na fase das operações concretas (dos 7 aos 10 anos) e não aos cinco anos, e que entre os 3 e os 4 anos, na fase da garatuja a figura humana ainda é inexistente. Também se refere que segundo Gândara (1987) a criança entre os quatro e os cinco anos usa a cor (por norma duas) sem referência com a realidade. Para a autora as crianças entre os 6 e os 8 anos tendem a utilizar uma grande profusão de cores em que o colorido se relaciona com aspetos concretos dos elementos desenhados.

Então podemos considerar que estes desenhos provam o quanto estas criança são estimuladas, pois apresentam níveis de expressão gráfica superior ao esperado para a sua idade.

No ponto 2 da primeira parte do trabalho - O desenho Infantil como fator de desenvolvimento - se refere que o desenho da criança é visto pela escola como um instrumento de medida, ou como meio de desenvolvimento de aspetos importantes da criança, dos quais são destacados a inteligência, a motricidade e o sentido estético.

Nesse ponto apresentou-se os níveis que diferentes autores Piaget, Luquet, Ana Salvador encontram na evolução o desenho, principalmente na etapa do pré-escolar em que referem que a criança vai da fase da garatuja à figurativa, demonstrando a evolução das suas competências instrumentais estéticas e cognitivas.

Uma das nossas preocupações sobre o estudo do desenho referia-se na finalidade que os adultos davam aos desenhos das crianças, finalidade essa que para nós se enquadrava na importância que os adultos davam aos desenhos da criança.

**Quadro nº 15 Finalidade do Desenho**

Categoria	Subcategoria	E1	E2	E3
Finalidade do desenho	Exposição	1	1	
	Capa	1	2	2
	Total = 7			

Analisando os dados das entrevistas às educadoras referentes a essa questão (incertos no quadro acima apresentado) e os dados recolhidos nos questionários aos encarregados de educação (apresentados no quadro que se segue) podemos ver que as educadoras encaminham os desenhos para a exposição e por fim põem-nos nas capas como se de um arquivo morto se tratasse, parece que o desenho perdeu aí o fim educativo.

E3- “.. e o fim deles é ir para a capa dos trabalhos...”

Por sua vez dos catorze E.E. que responderam a esta questão sete dizem guardá-los numa gaveta, dois em CD e cinco referem expor os desenhos dos seus educandos. É interessante constatar que só o encarregado de educação da criança de 3 anos diz simplesmente expor, o que nos leva a pensar que ou ainda tem poucas produções ou esta a valorizar muito esta forma de expressão.

**Quadro nº 16 – O que faz com os desenhos**

Idade	Guarda		Expõe
	Gaveta	PC	
3			1
4	4	1	3
5	3	1	1
Total=	7	2	5

Pelo que acabamos de referir a cerca das opiniões das educadoras e dos encarregados de educação, fica-nos a ideia de que a importância do desenho enquanto produção gráfica da criança decorre em dois tempos: momentaneamente como fonte de comunicação e a longo prazo como instrumento de avaliação do desenvolvimento.

**Em síntese:** tendo em consideração tudo o que foi apresentado podemos afirmar que as unidades de análise encontradas nos permitiram responder seguintes **objetivos:**

- Compreender até que ponto o desenho é valorizado pela educação como forma de expressão;
- Conhecer dados identificadores das etapas do desenho infantil;
- Identificar o significado que educadores e pais atribuem à expressão gráfica infantil;
- Conhecer quais as metodologias utilizadas no Jardim de Infância para a comunicação com base no desenho

Na verdade, o exame à interpretação das quatro unidades de análise pudemos concluir sem sombra de dúvidas, que a expressão gráfica adquire uma enorme importância para o desenvolvimento da criança tanto em casa como na escola e que os adultos dão muita importância ao seu envolvimento nessas produções falando com a criança sobre elas, reforçando-a, disponibilizando material e expondo as suas produções.

Em casa os familiares entendem o desenho como forma de expressão individual (as crianças desenhavam mais de forma livre) enquanto no Jardim de Infância o desenho parece ser visto mais como uma ferramenta para reconhecer o conhecimento do aluno. Esta visão sobre o desenho no Jardim-de-infância dada pela educadora da sala, é contestada pela educadora especialista e por modelos pedagógicos referenciados pelo que não a podemos generalizar.

O desenho também é utilizado pelos adultos como instrumento de avaliação do desenvolvimento da criança embora não contemplem nessa avaliação aspetos de carácter “científico” tais como as etapas ou níveis de evolução do desenho frisadas por diferentes autores.

A partir do estudo que temos vindo a apresentar identificámos aspetos a respeitar nas expressões gráficas das crianças e que expomos como Propostas de Atuação do Adulto face ao desenho infantil.



## **Propostas de Atuação do Adulto face ao desenho infantil.**

### **No Jardim de Infância**

- O desenho deve surgir de forma a que a criança não se sinta obrigada a realizá-lo;
- Pode ser livre mas também subordinado a um tema, desde que se tenha trabalhado dados sobre ele;
- Pode ser elaborado em grupo, a pares ou individualmente;
- Deve existir diversidade dos materiais, e acessibilidade aos mesmos;
- As crianças têm de se sentir apoiadas e motivadas;
- Deve existir de estar contemplado nas atividades da sala como qualquer outra área
- Deve existir um espaço próprio;
- A produção gráfica deve de estar relacionada com comunicação oral privilegiando-se a forma espontânea de o fazer;
- Essa comunicação deve ficar registada para uma melhor compreensão do desenho em análises futuras
- Os trabalhos devem ser expostos só durante algum tempo e possibilitar a comunicação sobre eles.
- A análise dos desenhos deve ser sistemática e baseada em parâmetros relacionados com a idade da criança

Deste modo, a expressão gráfica deve ser encarada como um tempo que as crianças têm para expor o que querem, o que sabem, e o que sentem sobre um determinado assunto. Pois é a melhor forma que a criança tem de se exprimir nestas idades sem ser mal interpretada ou sem medos.

## **Em casa**

- Deve sempre ser fonte de comunicação entre a criança e os adultos;
- O adulto deve mostrar entender os sentimentos da criança manifestos no desenho, tendo cuidado na forma como fala sobre o mesmo
- A expressão gráfica deve de ser reforçada e valorizada;
- A criança deve de dispor de materiais e espaço para poder desenhar de forma voluntaria e não ser coagido a tal
- A atividade de desenho não deve ser entendida pelo adulto como uma forma da criança ficar ocupada.
- O adulto deve de ter em consideração o desenvolvimento da criança, orientando as suas produções sem as ridicularizar.

## Considerações Finais

Terminado assim este estudo, resta-nos tecer algumas considerações em torno do seu desenvolvimento e apontar alguns aspetos importantes a cerca das atitudes que os educadores devem respeitar em relação às expressões gráficas das crianças.

A revisão bibliográfica efetuada permitiu-nos uma maior perceção da relevância da importância do desenho infantil para os adultos.

Através da fundamentação teórica, conclui-se que apesar de cada autor ter a sua conceção sobre o desenho infantil as suas teorias, que numa primeira abordagem parecem ter algumas diferenças, quando analisadas mais profundamente complementam-se e não se contradizem.

Neste estudo evidenciamos as teorias de Piaget, Vygotsky e Luquet sobre as etapas do desenho infantil por os considerarmos os autores mais populares. O facto de nos debruçarmos sobre as etapas do desenho infantil prendeu-se com a necessidade de conhecermos as etapas evolutivas do desenho e por se intuir (através da nossa prática pedagógica) que estas não eram tidas em conta na análise dos desenhos das crianças,

Como demonstrámos, na parte empírica, as duas educadoras entrevistadas que estão responsáveis por salas também não consideram as etapas evolutivas do desenho embora referenciem parâmetros de análise ao desenho, parâmetros esses mais relacionados com a estética.

Os dados apresentados na II parte também nos mostram que o desenho em sala de aula surge a maior parte das vezes com tema, sendo visto como um meio de conhecer a criança, e o seu entendimento sobre os temas. Em casa a criança desenha de forma livre e o desenho é visto como expressão artística.

Nos dois locais, o adulto vê-se como devendo reforçar a expressão gráfica facultando materiais e oportunidades para a criança desenhá-lo, sendo importante dar-lhe modelos de referência.

Com este trabalho julgámos demonstrar que o desenho assume uma forma importante no desenvolvimento da criança, bem como é um elo de ligação entre ela e o exterior.

Em suma, este estudo mostra-nos que o desenho não surge como forma de as crianças passarem o seu tempo, nem os adultos o veem como tal.

Neste sentido, este estudo pode suscitar temas para futuras investigações, como por exemplo:

- Conhecer como se articula a expressão gráfica com as outras áreas curriculares;
- Conhecer as rotinas da expressão;
- Conhecer a opinião das auxiliares de educação, já que passam bastante tempo com as crianças;
- Identificar e conhecer formas de interpretação de desenhos;

## Bibliografia

- BINFARÉ, C (2009). *Construções no desenho infantil: dos modelos referenciais à problematização dos estereótipos*. Trabalho de conclusão do curso de especialização em pedagogia da Arte. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- COBO, C. (1982) . Conhecer a criança através do desenho. *Tribuna Médica* nº813, pág. 25
- LOWENFELD, V. (1977) *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestra Jou.
- LUQUET, G. H. (1927). *Le dessin enfantin*. Berna: Delachaux et Niestlé.
- MOREIRA A. A. A. **O espaço do desenho: a educação do educador**. São Paulo: Loyola, 1984.
- ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O PRÉ-ESCOLAR. (2009). 4.ª edição. Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica;
- READ, H. 1977. *La educación por el arte*. Buenos Aires: Paidós
- SALVADOR, A. 1999.. *Conhecer a criança através do desenho*. Porto: Porto editora,
- SILVA, G. C. & SPEORIN, D, M.. *A concepção dos pedagogos quanto a importância e a função do desenho infantil nos centros de educação infantil*. Projeto do curso de Pedagogia. Universidade Comunitária Regional de Chapecó.
- VIGOSTSKY, L. 1988. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores*. São Paulo, Martins Fontes,

## Referencias webgráficas

- Alexandroff, M (2010). *Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita: um artigo* in: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542010000200003&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1415-69542010000200003&script=sci_arttext)
- Miranda,H.S. **O Imaginário nas escolas de Reggio Emilia,Italia** in: [http://www.gedest.unesc.net/seilacs/imaginario\\_heidemiranda.pdf](http://www.gedest.unesc.net/seilacs/imaginario_heidemiranda.pdf)
- <http://www.movimentoescolamoderna.pt/>
- Pereira, L.T. **O desenho infantil e a construção da significação: um estudo de caso** in [portal.unesco.org/culture/en/files/29712/.../lais-krucken-pereira.pdf](http://portal.unesco.org/culture/en/files/29712/.../lais-krucken-pereira.pdf) consultado em 18/10/11.
- RODRIGUES, H, M. Análise do desenho Infantil segundo as ideias de Luquet. Revista da Unifebe (online). Artigo.

